



VOZ DA FÁTIMA

Como Maria, portadores da alegria e do amor: Louvai o Senhor, que levanta os fracos

EDITORIAL

75 anos da coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima

Pe. Carlos Cabecinhas

Neste dia 13 de maio completam-se 75 anos da coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Capelinha das Aparições. A coroa preciosa tinha sido oferecida pelas mulheres de Portugal, a 13 de Outubro de 1942. A coroação foi determinada pelo Papa Pio XII que, para esse ato designou, como Legado Pontifício, o Cardeal Benedetto Aloisi Masella. Este ato revestiu-se de tal importância que o Papa dirigiu aos peregrinos portugueses uma radiomensagem sobre o sentido da coroação.

Encontramos eco abundante deste acontecimento nas páginas da Voz da Fátima de 1946. No número de maio, o bispo D. José Alves Correia da Silva anunciava a coroação feita pelo Cardeal Legado do Santo Padre. Um artigo refletia sobre o sentido do ato de coroação e testemunhava o alvoroço provocado pela expectativa de tal ato já anunciado. Mas é o número de junho de 1946 da *Voz da Fátima* que descreve a peregrinação de 13 de maio e o ato solene de coroação e que publica a mensagem do Papa Pio XII.

Habitualmente de tal modo a ver a Imagem ornada com coroa, que tendemos a pensar que assim esteve desde início. Porém, o ato de coroação é um gesto de veneração especialmente solene e importante e, por isso, reservado ao Papa e aos bispos. O costume de representar a Virgem Santa Maria, invocada como Rainha, adornada com a coroa real conheceu um notável incremento depois do Concílio de Éfeso, em 431, que proclamou Maria como “Mãe de Deus”. Se Nossa Senhora passou a ser representada frequentemente com coroa, só muito mais tarde se estabeleceu um rito específico de coroação das esculturas de Nossa Senhora. Este rito de coroação foi não apenas aprovado, mas incrementado pelos Papas, para distinguir as imagens de Nossa Senhora mais importantes para o povo cristão.

A coroação foi de tal forma marcante que, oito anos depois, na encíclica “*Ad coeli Regnam*” sobre a Realeza de Maria e a instituição da sua festa (11-10-1954), o mesmo Papa Pio XII recordava “a radiomensagem que endereçamos ao povo português, por motivo da coroação da prodigiosa imagem de nossa Senhora de Fátima, que chamamos radiomensagem da “realeza” de Maria” (n. 4).

A coroa preciosa, em 1989, foi enriquecida com uma “joia” diferente e surpreendente: foi encastada na coroa preciosa a bala extraída do corpo do Papa S. João Paulo II após o atentado em Roma, em 13 de Maio de 1981, e por ele oferecida ao Santuário. Em 2010, na sua peregrinação a este Santuário, o Papa Bento XVI, fez referência à bala que atingira S. João Paulo II como símbolo da nossa fragilidade e dos nossos sofrimentos: “É profundamente consolador saber que estais coroada não só com a prata e o ouro das nossas alegrias e esperanças, mas também com a bala das nossas preocupações e sofrimentos”.

Esta coroa preciosa só é usada nas grandes peregrinações. No dia a dia e nas restantes ocasiões festivas, é uma outra coroa, mais simples, que adorna a Imagem da Capelinha. Mas o significado é o mesmo: evocar a realeza de Maria.

Assinalar os 75 anos da coroação da Imagem de Nossa Senhora é uma forma de tomarmos mais aguda consciência da realeza de Maria.

Santuário de Fátima reza por todos os reclusos do mundo, unido ao Papa

O terço da “maratona” de oração pedida por Francisco a Fátima, num conjunto de 30 santuários, é rezado no dia em que no Santuário se inauguram as grandes peregrinações internacionais aniversárias de 2021, de olhos postos no tema do ano pastoral na Cova da Iria: Louvai o Senhor, que levanta os fracos.

Carmo Rodeia

O cardeal D. José Tolentino de Mendonça preside à peregrinação que assinala o 104º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora aos três Pastorinhos.

O tema do ano pastoral - Louvai o Senhor, que levanta os fracos -, que inspira as seis principais celebrações de verão na Cova da Iria, não poderia estar mais sintonizado com o pedido do Papa Francisco ao Santuário de Fátima para que se unisse à “maratona” de oração pelo fim da pandemia.

No Rosário, que será presidido pelo cardeal D. António Marto, este dia 13 de maio, às 17h00, na Capelinha das Aparições, e que terá transmissão em direto para todo o mundo, rezar-se-á por todos os reclusos, detidos nas cadeias de todo o mundo.

Esta oração foi pedida pelo Papa Francisco que desafiou 30 santuários marianos a rezar durante o mês de maio pelo fim da pandemia, colocando em cada dia uma intenção especial, cabendo a Fátima a oração “por todos os presos”, momento que terá transmissão em direto para todo o mundo, através dos media do Vaticano, e nas redes sociais do Santuário de Fátima: youtube e facebook.

Simbolicamente, a oração do Rosário a partir do Santuário de Fátima foi agendada para o dia em que se assinala o 104º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora aos três videntes de Fátima: Lúcia e os irmãos Francisco e Jacinta Marto, que foram feitos santos pelo Papa Francisco a 13 de maio de 2017, na Cova da Iria.

Esta peregrinação que ainda conta com uma série de constrangimentos à participação dos peregrinos, com um limite de presenças

no Recinto de Oração é presidida pelo cardeal D. José Tolentino de Mendonça, um dos três cardeais que este verão estará presente em Fátima. Além do Bibliotecário e Arquivista da Santa Sé, o arcebispo e cardeal do Luxemburgo, D. Jean-Claude Hollerich presidirá à peregrinação de agosto e D. Sérgio da Rocha, arcebispo de Salvador da Baía e primaz do Brasil, presidirá em outubro à peregrinação que celebra a 6ª aparição de Nossa Senhora aos três videntes na Cova da Iria.

As restantes peregrinações do verão, em junho, julho e setembro, serão presididas pelo Núncio Apostólico em Lisboa, D. Ivo Scapolo, pelo bispo de Ourense (Espanha), D. José Leonardo Lemos Montanet e o bispo de Aveiro, D. António Moiteiro, respetivamente.

O tema das peregrinações insere-se na dinâmica para os próximos três anos, período em que o Santuário estará sintonizado com a preparação da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), prevista para 2023 em Lisboa, procurando responder aos novos desafios pastorais colocados pela pandemia.

Durante todo o verão manter-se-ão em vigor as regras sanitárias definidas no âmbito do Plano de Contingência do Santuário, desde o início da pandemia por Covid-19: o uso obrigatório da máscara, o distanciamento físico entre pessoas que não provenham do mesmo agregado familiar e a higienização das mãos.

Para maior comodidade e segurança, os espaços estão devidamente assinalados com indicações precisas sobre entradas e saídas bem como as regras a seguir em cada momento.



Os doentes de Fátima e os Papas: crónica

Os doentes e a palavra que lhes é dirigida no final das peregrinações internacionais aniversárias têm um lugar central em Fátima. Neste segundo ano de pandemia, em que por razões sanitárias muitos ainda não poderão participar presencialmente nas celebrações, a Voz da Fátima recorda as palavras deixadas pelos sucessores de Pedro, que se fizeram peregrinos da Cova da Iria, dirigidas àqueles que se encontram numa situação de maior vulnerabilidade.

Carmo Rodeia



No dia 13 de maio de 2017 estiveram em Fátima 350 doentes, instalados na Colunata Norte. Receberam a bênção do Papa Francisco: “Não tenhais vergonha de ser um tesouro precioso da Igreja”

A doença é, porventura, uma das experiências mais duras do ser humano e, num contexto de pandemia como aquele em que vivemos, a noção da fragilidade da vida agudiza-se, abrindo feridas e muito sofrimento.

Em Fátima as vítimas da pandemia (diretas e indiretas), os mais frágeis e os doentes em geral têm sido os ausentes mais lembrados em todas as celebrações, mas particularmente nas peregrinações que habitualmente terminam com a tradicional bênção dos doentes, que conta sempre com uma alocução especial. No ano passado, devido à situação sanitária em que o país se encontrava, foi suprimido este momento, até porque no decurso das diferentes celebrações os doentes eram tema recorrente, com palavras de conforto e de confiança na recuperação.

Este maio, e apesar de ainda não estarem reunidas todas as condições para ser retomada a chamada normalidade, que se traduzirá, entre outros, pelo regresso dos retiros de doentes e pela sua participação presencial nas grandes peregrinações de maio a outubro, a palavra ao doente regressará, logo após a oração e o cântico pós-comunhão, na celebração mais importante do dia 13, a missa internacional. Aliás, é neste contexto que o Santuário se associa também à maratona de oração, proposta pelo Papa e dinamizada pelo Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, para durante o mês de maio se rezar o terço em família e em comunidade.

Habitualmente costumam estar presentes entre 200 e 300 doentes, cuja peregrinação começa dias antes com um retiro. A sua presença no Recinto é bem evidente, sobretudo durante a oração do Terço e Procissão das Velas, na noite do dia 12 e na manhã do dia 13, na colunata norte da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Este é, aliás, um grupo de peregrinos a quem os Papas deixaram sempre uma palavra muito especial. Na palavra que dirigiu aos doentes, no final da Eucaristia do dia 13 de maio de 2017, por ocasião do centenário das aparições,

94 anos depois da primeira bênção aos doentes feita no Recinto, o Papa Francisco fez um apelo a que estes se sintam inseridos na vida e na missão da Igreja. “Não vos considereis apenas recetores de solidariedade caritativa, mas senti-vos inseridos a pleno título na vida e missão da Igreja”, referiu, salientando que os doentes são para a Igreja um “recurso espiritual” e “um património para cada comunidade cristã”. “Não tenhais vergonha de serdes um tesouro precioso da Igreja”, frisou. O Papa Francisco lembrou também nesta mensagem o que já muitos dos padres da Igreja disseram, que Deus nos precede sempre nos nossos sofrimentos: “O Senhor sempre nos precede: quando passamos através de alguma cruz, Ele já passou antes. Na sua Paixão, tomou sobre Si todos os nossos sofrimentos”.

Através do exemplo dos santos Francisco e Jacinta Marto, e de todos os santos que os precederam, falou do consolo e da força que Deus lhes dá nos momentos de sofrimento. “A Igreja pede ao Senhor para consolar os atribulados como vós, e Ele consola-vos, mesmo às escondidas; consola-vos na intimidade do coração e consola com a fortaleza”, referiu assegurando a “oração da Igreja, que de todo o lado se eleva ao Céu por vós e convosco. Deus é Pai e nunca vos esquece”, disse.

A palavra dos Papas aos doentes, em Fátima

Este momento da missa internacional é particularmente emotivo e é a expressão do Santuário como lugar de caridade, que se manifesta na solicitude diante dos mais frágeis, como os doentes.

A 13 de maio de 1967, terminada a missa, e depois de abençoar todos os peregrinos, sobre os quais lançou o sinal da cruz, Paulo VI, o peregrino da Paz, recitou o “texto litúrgico da bênção dos doentes”. As três centenas de doentes estavam concentradas no quadrilátero contíguo à escadaria da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. “Tratava-se de homens, mulheres e crianças, casos incurá-

veis ou desesperados, de cegueira, paralisias, tumores malignos, perturbações neurológicas, cardiopatias agudas, etc...”, referia a crónica sobre a peregrinação de maio, publicada a 13 de junho no jornal *Voz da Fátima*.

Em 1982, quando João Paulo II se deslocou a Fátima, na sua primeira viagem à Cova da Iria, na qual o próprio se assumiu como peregrino “devoto e devedor da vida” a Nossa Senhora, não há registo de uma alocução própria do Sumo Pontífice aos doentes. No entanto, na tarde do dia 13, numa palavra dirigida aos Servitas de Nossa Senhora de Fátima, que durante as peregrinações são os principais cuidadores voluntários dos doentes que rumam ao Santuário, afirmava: “Conheço bem, por experiência direta, o valor dos vossos serviços e dedicação, para assistir e ajudar os peregrinos a sentirem-se bem, neste local abençoado. Mas conheço e avalio ainda mais o que, consciente ou inconscientemente, fazeis com generosidade e sacrifício, para proporcionares um encontro de amor, pela Mãe celeste, com o Pai que está nos Céus, e para alentardes, no coração da cada romeiro, a fé e o sentido cristão da vida”. “Vós sois também instrumentos de Deus misericordioso ao servirdes os vossos irmãos, especialmente os doentes e os mais necessitados; e isso, para vosso bem, pois estais a ouvir a Palavra do Mestre, na perspetiva da ‘vida eterna’: sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes. Com os vossos gestos concretos de humanidade e caridade, vós estais a fazer obra de evangelização, e aos pobres é anunciada a Boa-Nova”, referiu.

Em 1991, data da segunda visita do papa polaco ao Santuário de Fátima, não há também qualquer referência a uma palavra específica, fora do contexto das homilias proferidas e alocuções oficiais, aos doentes, mas já em 2000, a mensagem do Santo Padre é clara e direcionada especificamente para os doentes: “Querido irmão doente, se alguém ou alguma coisa te faz pensar que chegaste ao fim da estrada, não acredites! Se tens

de uma história de cumplicidades



No dia 13 de maio de 2000, na celebração de beatificação de Francisco e Jacinta Marto, estiveram presentes 300 doentes, a quem João Paulo II, com fraca mobilidade, se dirigiu, a partir da presidência.

conhecimento do Amor eterno que te criou, sabes também que, dentro de ti, há uma alma imortal. Existem várias estações na vida; se porventura sentires chegar o inverno, quero que saibas que não pode ser a última estação, porque a última será primavera: a primavera da ressurreição. A totalidade da tua vida estende-se infinitamente para além das suas fronteiras terrenas: prevê o Céu”, afirmou João Paulo II.

“Coragem! Neste Ano Santo, a graça do Pai derrama-se com maior abundância sobre quem a acolher com a alma simples e confiante das crianças. Procurai ser contados também vós, queridos doentes, no número destes ‘pequeninos’, para que Jesus possa comprazer-Se convosco. Daqui a pouco, Ele vai aproximar-se de vós para vos abençoar pessoalmente, no Santíssimo Sacramento; vai ao vosso encontro com a promessa: ‘Eu renovo todas as coisas!’ Tende confiança!”

Bento XVI, que visitou Fátima a 12 e 13 de maio de 2010, sete anos antes do centenário das aparições, deixou palavras sentidas “de ânimo e de esperança” a todos os doentes presentes na celebração – mais de 300 – que estendeu a todos os doentes que o acompanhavam através da rádio e da televisão e a “quantos não têm sequer esta possibilidade, mas estão uni-

dos conosco pelos vínculos mais profundos do espírito, ou seja, na fé e na oração”, pedindo-lhes esperança e confiança.

“Podereis superar a sensação de inutilidade do sofrimento que desgasta a pessoa dentro de si mesma e a faz sentir-se um peso para os outros, quando na verdade o sofrimento, vivido com Jesus, serve para a salvação dos irmãos”, disse o Sumo Pontífice sublinhando que as “fontes da força divina jorram precisamente no meio da fragilidade humana”. E, a partir do Evangelho de Marcos – “toma a tua cruz e segue-Me” –, pediu aos doentes que acolhessem este chamamento de Jesus. “Queridos doentes, acolhei este chamamento de Jesus que vai passar junto de vós no Santíssimo Sacramento e confiai-Lhe todas as contrariedades e penas que enfrentais para se tornarem – segundo os seus desígnios – meio de redenção para o mundo inteiro. Sereis rendedores no Redentor, como sois filhos no Filho. Junto da cruz... está a Mãe de Jesus, a nossa Mãe”.

Ainda nessa tarde, as referências aos doentes iriam ser repetidas no encontro que o Santo Padre teve com as organizações envolvidas na Pastoral Social da Igreja.

Além da bênção dos doentes, os retiros e o dia do doente são celebrações que marcam a vida quotidiana do Santuário de Fátima.

A expressão do amor de Deus junto dos mais frágeis

A bênção eucarística dos doentes, e de toda a assembleia, constitui o rito litúrgico conclusivo da celebração central das grandes Peregrinações Internacionais Aniversárias, de maio a outubro.

Carmo Rodeia | Texto elaborado a partir da Enciclopédia de Fátima

Os doentes sempre ocuparam um lugar central entre os peregrinos do Santuário de Fátima, desde logo porque qualquer santuário é lugar de acolhimento da fragilidade que “se exprime na solicitude e preocupação com os peregrinos mais idosos, doentes e portadores de deficiência”.

Na terceira e quarta aparições, Lúcia pede a cura dos doentes e, desde essa altura, foi crescendo sempre o número de pedidos de intercessão e dos doentes que se deslocavam a Fátima na esperança de uma cura. De resto, um dos primeiros espaços construídos no Santuário foi justamente o Albergue dos Doentes, inaugurado em maio de 1929, numa clara influência daquela que era a experiência da altura em Lourdes.

A 13 de maio de 1923 fez-se, pela primeira vez, a bênção eucarística no final da missa campal no Recinto. Durante a missa, à elevação do Santíssimo fizeram-se as invocações de Lourdes, implorando saúde para os enfermos presentes, como relata a *Voz da Fátima* de 13 de junho de 1923, na crónica do visconde de Montelo (pseudónimo do padre Manuel Nunes Formigão): “Senhor, se quiserdes, podeis curar-me! Senhor, aquele a quem amais está doente! Senhor, dissei uma só palavra e serei salvo”. Ainda assim, só no ano seguinte se começa a distinguir a bênção dos doentes da bênção geral de toda a assembleia, como se pode ler na edição de

junho do ano seguinte do referido mensário: “Depois da missa dá-se a bênção com o Santíssimo Sacramento, primeiro, a todo o povo e, em seguida, a cada um dos enfermos alinhados em torno do altar”, escrevia em junho de 1924 o referido cronista. Mas, ainda nesse ano, a ordem dos vários elementos da bênção

artigo publicado na Enciclopédia de Fátima sobre a bênção dos doentes.

Terminada a oração de pós-comunhão, inicia-se um momento de adoração, com a incensação do Santíssimo, uma leitura bíblica, seguida da exortação aos doentes, acompanhada de cânticos e invocações. Uma vez ter-



altera-se: logo depois da missa, expõe-se o Santíssimo, depois dá-se a bênção a cada um dos doentes e só depois a toda a assembleia.

Hoje, e depois da reforma litúrgica que se seguiu ao Concílio Vaticano II, a exposição do Santíssimo, com uma hóstia consagrada na própria missa, faz-se ao terminar a comunhão, “o que destaca a ligação e a estreita dependência da adoração eucarística em relação à celebração da Eucaristia”, como refere o padre Carlos Cabecinhas num

minada, canta-se o *Tantum ergo*, faz-se a oração prescrita e dá-se a bênção a toda a assembleia: “O Jesus da Eucaristia vai passar junto de ti como, outrora, na sua peregrinação histórica passou junto de todos os doentes. Não passará em vão. Se não te der o que Lhe pedes, a cura da tua doença, dar-te-á mais do que tu ousas pedir: a aceitação amorosa da sua vontade”, afirmou D. Alberto Cosme do Amaral, em outubro de 1980, sobre a bênção dos doentes, citado no referido artigo do padre Carlos Cabecinhas

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

#FÁTIMA

NO SÉCULO XXI

Fernando Santos

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“A mensagem de Maria, que aqui foi deixada na Cova da Iria, tem muito a ver com a primeira mensagem dos cristãos: Vede como eles se amam... É preciso rezar muito, para que mudemos e depois amar o próximo como amamos a Deus. É tão simples, não é?”



“Fátima é o lugar onde eu consigo experienciar o silêncio de Maria e, por isso, sou um apaixonado por este lugar”

Fernando Santos, selecionador nacional, é o convidado do podcast #fatimanoseculoXXI este maio, mês de Maria. Guiado pela oração e pelo silêncio, que destaca na Cova da Iria, fala sobre a “simplicidade” da Mensagem e sobre o papel aglutinador do Santuário.

Carmo Rodeia

A conversão, isto é o encontro com Cristo, “foi o momento mais importante da minha vida” e “deste encontro alterou-se a minha relação com Ele e com Nossa Senhora. Eu não sou devoto de Fátima; sou devoto de Nossa Senhora e, por isso, sou um apaixonado por este local, pela Cova da Iria, porque Ela esteve aqui e a Mensagem que deixou é muito importante para a humanidade”.

As palavras francas de Fernando Santos servem de preâmbulo a uma conversa de quase 50 minutos, durante os quais o selecionador nacional se apresenta numa espécie de biografia, de uma fé amadurecida a partir de um profundo conhecimento de Deus e de Nossa Senhora, que consegue encontrar no silêncio de Fátima: “O que me torna apaixonado por este lugar é o silêncio, o silêncio de Fátima; aqui consigo encontrar o silêncio de Maria. Por isso, venho sempre muito cedo; não estou contra quem vem nos grandes momentos, mas eu gosto de viver este silêncio”, seja na Capelinha das Aparições, na Capela da Adoração, junto ao Sacrário, ou num dos espaços da Via-sacra que o Santuário oferece. “Este silêncio de Maria, que tudo ouvia e guardava no coração, é em Fátima que se entende. Fátima é o local onde eu consigo experienciar isso de uma forma única. Aqui encontro a paz de que preciso”. “A mensagem é tão clara que se sente no altifalante do coração, e Maria nem precisa de falar”, afirma.

Cristão confesso, Fernando Santos nasceu no seio de uma família que, como tantas outras,

vinham e vêm regularmente a Fátima, mesmo sem uma grande prática religiosa. Desses tempos guarda a ideia “de comércio”: “Fátima sempre esteve ligada a mim e embora tivéssemos uma prática religiosa pouco regular e circunscrita a ocasiões sociais, que ainda assim eram frequentes (casamentos e batizados), vínhamos sempre a Fátima uma ou duas vezes no ano”. Aliás, em bom rigor, era Fátima que o ligava à Igreja, mas “era aquela peregrinação de vir, pedir, pôr uma vela – mesmo em adulto continuei a fazer o mesmo – ou seja, com um espírito muito diferente do que faço hoje”, reconhece.

“Muitas vezes eu vinha fazer um negócio. Era fácil e barato: vinha pedir e prometia uma vela. Se tudo corresse bem vinha pôr uma vela, mas, hoje, vendo bem, se calhar, até não era um negócio”, reformula, porque “agora já não me penalizo tanto e faço outra leitura”, adianta. “Vinha porque a semente estava lá; eu é que não a deixava crescer”, esclarece, se não, como é que “posso explicar ter-me casado pela Igreja, ter batizado os meus filhos ou tê-los posto em colégios católicos?”, interroga em jeito de monólogo, como que a explicar o seu processo de conversão.

“O momento é o ano de 1994, quando fiz o Cursilho de Cristianidade. Já tinha regressado à Igreja, mas ainda ficava nos bancos de trás, à espera de que tudo terminasse”, confessa; à espera de que algo mudasse, “mas a mudança somos nós que a fazemos”. “Um dos grandes problemas da humanidade é estar à espera de mudança, mas a mudança dos outros, quando efetivamente a mudança tem de começar em nós”, lembra, recuperando, uma vez mais, o exemplo de Maria.

“A mensagem de Maria, que aqui foi deixada na Cova da Iria, tem muito a ver com a primeira mensagem dos cristãos: Vede como eles se amam... É preciso rezar muito, para que mudemos e depois amar o próximo como amamos a Deus. É tão simples, não é?”. Pois, o “caminho é claro, porque é que não somos capazes de o ver?”. E, de-

pois, há a liberdade de cada um. “O que mais gosto é dessa liberdade. Deus, e Maria, não nos impõem nada, apenas mostram as consequências de seguirmos ou não seguirmos o caminho da salvação”, acrescenta.

“No início não havia Igreja; havia os apóstolos e todos eram responsáveis. Mesmo depois da morte, logo nos primeiros tempos, eles repartiam tudo e eram felizes. Hoje, as coisas não funcionam assim e nós temos de nos questionar porque é que não somos nós os primeiros a mudar”.

“Maria disse-o aqui aos três Pastorzinhos e, por intermédio deles, a toda a humanidade: o caminho é este, podem segui-lo ou não; se o seguirem as consequências serão umas, se não o seguirem as consequências serão outras”, afirma.

“Rezar, pedir pelo mundo... nós sabemos qual é o nosso caminho, se acreditamos e não o fazemos, é complicado”, esclarece salientando as dores de Nossa Senhora. “É justamente o silêncio das dores de Maria, que queria agradar ao Filho, como nas bodas de Canã, onde pediu que fizéssemos tudo o que Eles nos dissesse, que me interpela. Isto é muito bonito e simples”.

E como alcançar esse silêncio tão necessário? “Aprendendo com os Pastorzinhos e meditando sobre a Palavra de Deus” refere, ciente de que, tal como São Paulo ensinou, o “centro da nossa fé está na Ressurreição; se não acreditarmos nela e em que Cristo vive em cada um de nós, a nossa fé é vã”.

Neste podcast #fatimanoseculoXXI, que pode ser ouvido na íntegra em www.fatima.pt/podcast ou nas plataformas *iTunes* e *Spotify*, o selecionador nacional sublinha, ainda, o papel aglutinador do Santuário. “Este papel aglutinador da Igreja está reservado a Fátima. Há muitos outros santuários importantes, sim; locais de peregrinação, sim; os nossos bispos são muitos importantes, mas o espaço agregador é Fátima, mesmo para os que estão mais afastados. Quem os une a Deus é Fátima. Por isso, o que fazem sempre todos os anos? Vêm a Fátima”.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Maria, Mãe de Deus



Neste mês da Mãe de Deus, dedicamos esta rubrica Àquela que é mediadora entre a humanidade e o Primeiro Protagonista. Nas aparições da Cova da Iria, Deus fez-se Luz para o mundo, através de Maria. Fátima é Maria, a Senhora do Rosário e do Imaculado Coração, que é “refúgio e o caminho que conduz até Deus”.

Diogo Carvalho Alves | Fonte: www.fatima.pt

A 13 de maio de 1917, Jacinta, Francisco e Lúcia, três crianças que pastoreavam o rebanho, na Cova da Iria, em plena Serra de Aire, veem, em cima de uma pequena carrasqueira, após um relampago, a aparição de quem descrevem como “uma Senhora mais brilhante que o sol”, com um apelo insistente à conversão, à penitência e à oração, que pedia que fosse cumprida em honra de Nossa Senhora do Rosário. Deixava também a promessa de novo encontro ao dia 13 de cada mês, até outubro, quando, no derradeiro encontro, se apresenta finalmente como a “Senhora

do Rosário”, título que lhe viria a ser atribuído.

São as aparições da Virgem Maria a estas três crianças pastoras e a mensagem que lhes confia a gênese de Fátima. Neste acontecimento, nos alvares do século XX, a “luz de Deus irrompe na história humana” através de Nossa Senhora, que se assume como efetiva medianeira da humanidade para com o Seu Filho.

É na “luz que emana das mãos da Senhora”, através da qual os Videntes se reveem “mais claramente que nos no melhor dos espelhos”, que Deus se lhes revela, enchendo-os de “uma presença

que se grava indelevelmente no seu íntimo e os sagra testemunhas proféticas da Sua misericórdia”, numa intimidade que transforma a vida para um caminho de plena comunhão com o Divino.

Em Fátima, é Maria que traz a esperança, pela certeza do triunfo do Seu Imaculado Coração, que ampara, como refúgio, a humanidade, numa das suas horas mais sombrias.

Com as aparições de Fátima, Maria, mais que uma simples protagonista, aponta caminho que conduz ao Primeiro Protagonista: Deus, que é o centro da Mensagem de Fátima.

A PEÇA DO MÊS

Autor desconhecido, século XX

Madeira pregada, cortada, torneada e encavilhada

194 × 143 × 109 cm (MSF, inv. n.º 5648-MCT.II.28)

Tear



Dotado de estrutura sólida, embora rudimentar, a peça, adquirida em 1992 pelo Santuário de Fátima, em Vale Tacão (Santa Catarina da Serra, freguesia contígua à de Fátima), é construída de madeira pregada e enquadra-se nos teares de pedal ou horizontais (formado por três pedais), compostos por armação, órgãos, mecanismo de pente e liços. A armação é composta por quatro prumos verticais, também designados por pegões, estruturados a partir de barrotes de madeira, dispostos em quadrângulo e unidos por quatro travessas nas extremidades lateral e superior, sobre a mesa da tecelagem. Nesta estrutura distinguem-se dois rolos cilíndricos manipuláveis, correspondentes ao órgão da teia, ou de cima, operando como rolo urdidor, e o órgão do pano, ou de baixo, localizado junto da tecedeira, no qual se enrola a peça tecida. Superiormente, dispõe-se o par de lisseiras, lateralmente ligadas por cordas presas por roldanas, também designadas de castelos, fixadas na mesa superior do tear por meio de varas transversais (paus das lisseiras). Inferiormente, apresentam-se ligadas aos pedais através de cordas, em posição favorável a que a tecedeira, colocada frente ao órgão de baixo, pisando um dos pedais, faça elevar alternadamente um liço em relação ao outro, permitindo a separação dos fios pares dos ímpares na teia e deixando um intervalo por onde passará a lançadeira, neste caso constituída por pequeno fragmento de cana de junco, rudimentar, mas eficaz solução de recurso que permite transportar o fio da trama de um lado para o outro do tear através da cala por entre os fios da teia e, desta forma, criar o tecido.

Museu do Santuário de Fátima

As orações de Fátima II

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

É na Segunda e na Quarta Memórias de Lúcia que se encontram as celebradas orações que Lúcia de Jesus afirma ensinadas pelo Anjo, em 1916:

“Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos d’Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”;

“Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação

dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores”.

Amplamente escrutinadas pelos teólogos dos anos 40 do século XX, estas formulações foram olhadas com desconfiança, sobretudo pela linguagem supostamente eivada de algum maniqueísmo e de imprecisões técnicas relativas ao saber teológico, críticas que não resistiram aos estudos que examinam as fontes com os critérios do enquadramento na cultura da época e que foram

sublinhando, por exemplo, a importância da relação do verbo “adorar” com as atitudes relativas às virtudes teológicas da Fé, da Esperança e da Caridade.

Entre as peças orantes, na Quarta Memória de Lúcia, encontra-se ainda a seguinte, que estabelece relação entre o mistério trinitário e o mistério eucarístico:

“Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento”.

Segundo a Vidente, esta oração resulta de um «impulso íntimo» que Francisco, Jacinta e Lúcia experimentaram, no final da primeira aparição, em 13 de maio de 1917.

FÁTIMA AO PORMENOR



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Se algo nos deve surpreender no evangelho é o mandamento do amor. Não só por estar no coração da novidade de Cristo ou porque a introdução do amor como cuidado do outro representa uma verdadeira revolução na história, talvez a única verdadeira revolução alguma vez ocorrida na história humana. O mandamento do amor há de surpreender-nos sobretudo por juntar sem receio numa mesma expressão o dom incondicional e gratuito do amor com o imperativo de um mandamento. O cristão ama porque é isso que lhe é ordenado. Não é que ele não de-seje amar, mas há de aprender a fazê-lo ao jeito do Filho.

É uma ironia que se queira explicar o amor.

O amor – que não é busca de si mesmo, mas caminho para o outro – é exigente como um

«Eu quero o sacrifício e não o sacrifício»

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

O amor implica o compromisso arriscado do sacrifício...

mandamento, ao jeito de um imperativo. Porque a medida do amor é o sacrifício, o dom que faz o próprio Cristo de si mesmo. E sabemos como esse dom é, na bela expressão do evangelista, «até ao extremo» (Jo 13,1), isto é, até ao máximo do amor e, portanto, também até ao fim, ao dom total de si.

Assusta-nos esta palavra: sacrifício. Mesmo na própria tradição cristã, leituras demasiado mortificantes e muito pouco vivificantes do sacrifício contribuem para que juntar numa mesma frase «sacrifício» e «amor» seja rapidamente desclassificado como medievalesco ou insensato. Mas o sacrifício é o dom gratuito através do qual a comunidade é gerada. A igreja é uma comunidade de dons, de pessoas que se dão e se recebem no reconhecimento uns dos outros e de si mesmos nos outros, à luz do sacrifício daquele que se oferece como medida do amor, Jesus Cristo. Isto implica que eu

não sou o foco omnipresente da minha história, mas é na medida em que me entrego que a vida em mim pode gerar vida.

Claramente o final “e viveram felizes para sempre” dos contos de fadas tem hoje mais impacto sobre as nossas expectativas acerca das relações do que somos capazes de admitir. O que por vezes nos escapa é que a procura da felicidade como meta a atingir é uma busca ilusória que corre o risco de transformar o que chamamos de amor numa empreitada hedonista. A felicidade é mais caminho do que meta. E o caminho faz-se da descoberta de companheiros, de ombros amigos, de bolhas nos pés. O estilo crente coloca o cuidado do outro à frente do próprio, sem reservas nem manipulações, para que o outro não seja instrumentalizado nem coisificado. Para que ele seja apenas amado.

As relações vitalizantes vivem do amor. Mas é importante que saibamos do que falamos quando

dizemos a palavra e o que implica que o digamos. Porque, pelo menos para o cristão, a medida do amor é – como indica o mandamento «amai-vos como eu vos amei» – o próprio Cristo e o seu dom até ao extremo. Um amor que não procura domínio ou segurança, posse ou satisfação pessoal, mas procura a alegria na própria existência do outro. Intui bem o teólogo que pensa o amor como a disponibilidade para se deixar destruir apenas para que o outro não deixe de ser.

E é porque o amor implica o compromisso arriscado do sacrifício, entendido como dom de si, que podemos talvez traduzir o dito de Jesus «Eu quero a misericórdia e não o sacrifício» (Mt 9,13), deste jeito algo arrojado e aparentemente tautológico: «Eu quero o sacrifício e não o sacrifício». Isto é: «Eu quero o dom de si e não um qualquer ritual vazio que não implique a pessoa humana».



Foto: © Rachel Claire @Pexels



OPINIÃO

Maria João Ataíde

Estamos em cheio no Ano da Família, proclamado pelo Papa Francisco e iniciado no dia de São José, a 19 do passado mês de Março, com a proposta de rezarmos o Terço em família; será encerrado em Roma, no 10º Encontro Mundial das Famílias que se realiza a 26 de Junho de 2022. O Santo Padre acredita que a exortação Amoris Laetitia, publicada há cinco anos, pode inspirar este Ano, afirmando que “a Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas” (87) as quais considera serem uma grande força espiritual.

Para ajudar as famílias a aprofundarem a sua missão e a reforçarem a sua união, foi-nos

Vamos juntos

dado um modelo: São José, apresentado numa carta apostólica intitulada Com o Coração de Pai. No entanto Francisco, em 2014, na audiência pública semanal na Praça de São Pedro (não estávamos em pandemia) já o tinha feito:

“A missão de São José é, certamente, única e irrepetível, porque Jesus é absolutamente único, mas na sua custódia de Jesus, educando-o para crescer em idade, em sabedoria e em graça, ele é modelo para cada educador, em particular para todos os pais”.

Uma família é um lugar de humanização, de comunhão de afectos, onde nos sentimos bem mesmo em silêncio, onde cada membro faz parte do todo, mas tem direito a uma vida própria, todo esse que infelizmente a sociedade protege mal, não lhe dando muitas vezes as condições necessárias para cumprir a sua vocação.

Uma definição maravilhosa

do papel da família é dada pelo Papa João XXIII, numa carta dirigida aos seus pais e citada pelo Padre Dario Balula Chaves no *Jornal da Família Comboniana* (Jan.Fev 2021) que aqui transcrevo:

“Desde que saí de casa, aos dez anos, li muitos livros e aprendi muitas coisas que vós não poderíeis ensinar-me. Mas as coisas que aprendi de vós, meus pais, são ainda as mais preciosas e importantes que possuo e as que sustentam e dão vida e calor às outras coisas que aprendi depois”.

Maio é Mês de Maria, de Fátima, de rezar com os santos Francisco e Jacinta Marto. Maria, como José, são os pais de Jesus e formam a Sagrada Família de Nazaré, inspiração para todas as igrejas domésticas. Na festa da Anunciação do Anjo a Maria, celebrada a 25 de Março, o Cardeal Tolentino faz-nos reflectir quando se interroga:

“Maria tinha consciência de

tudo? Não, entregou-se, disse SIM. Que do fundo da nossa vida, nós também podemos dizer SIM a este Deus que vem, que vem até nós e vem através de nós.”

Gostava de trazer aqui uma notícia interessante relacionada com outra Família, a Família Comboniana (assim se chama o jornal que sai de dois em dois meses): o Padre Germano Serra acaba de publicar o dicionário mais completo de karimojong, a língua de uma tribo semi-nómada do Uganda, um trabalho iniciado por outro sacerdote que faleceu entretanto. Ambos são Combonianos e o dicionário é em inglês.

Terminemos rezando juntos a Oração pela Família, de São João Paulo II :

“Ó Deus, de quem procede toda a paternidade no Céu e na Terra, Vós, Pai, que sois Amor e Vida, fazei com que nesta Terra, por Vosso Filho Jesus Cristo, “nascido de mulher”, e pelo Es-

Pedagoga
A autora escreve segundo a antiga ortografia

pírito Santo, fonte de caridade divina, cada família humana se torne um verdadeiro santuário de vida e de amor para as gerações que continuamente se renovam. Que a Vossa graça oriente os pensamentos e as acções dos maridos e das esposas para o bem das suas famílias e de todas as famílias do Mundo. Que as jovens gerações encontrem na família um apoio inquebrantável que as torne sempre mais humanas e as faça crescer na verdade e no amor. Que o amor, fortalecido pela graça do Sacramento do Matrimónio, seja mais forte do que todas as fraquezas e todas as crises por que passam frequentemente as famílias. Enfim, pedimo-Vos, por intercessão da Sagrada Família de Nazaré, que em todas as nações da Terra a Igreja possa cumprir frutuamente a sua missão na família e pela família. Vós que sois a Vida, a Verdade e o Amor na unidade do Filho e do Espírito Santo. Amen.

Rosário: a oração simples, que ajuda a contemplar o mistério de Deus e a vida

Na Cova da Iria, recita-se diariamente esta oração mariana que contempla a vida, morte e glória do Jesus, cumprindo o pedido que Nossa Senhora deixou aos Pastorinhos, em 1917. Afinal, de onde vem, qual o significado e o valor do Rosário?

Diogo Carvalho Alves

A prática da oração do Rosário terá surgido entre os séculos XII e XIII, no seio das comunidades monásticas, num esforço de criar um ato de louvor de prática simples e acessível para os clérigos menos instruídos. Com o tempo, a súplica foi-se compondo até à oração que atualmente conhecemos, fixada e universalizada em 1568, pelo Papa Pio V, e que contempla a cadeia de 15 dezenas de Avé-Marias, introduzidas pelo Pai-Nosso e intervaladas por um glória-ao-Pai.

“O singelo Ave em que assenta todo o encadeamento desta oração monocórdica consta de duas partes: a primeira, de louvores, une a saudação do Anjo Gabriel a Maria e o elogio da sua prima Isabel, ao recebê-la por visita; a segunda, de súplica... e é nesta simplicidade que “reside o sucesso da reza do Rosário, (...) cujo nome se liga a jardim de coroa de rosas” símbolo de louvor a Nossa Senhora, explica o sacerdote e historiador João Francisco Marques, no entrada dedicado ao Rosário, na –.

Apesar de ser uma oração mariana, o Rosário tem o seu centro em Cristo, numa ligação que é concretizada de forma mais imediata na meditação da vida, morte e glória de Jesus Cristo, através da contemplação dos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos, respetivamente. Os mistérios luminosos, que refletem episódios da vida pública de Jesus, foram introduzidos por sugestão de João Paulo II, em 2002, ano que este Papa proclamou como Ano do Rosário, numa tentativa de relançar a prática desta oração.



Escola de Maria, que aponta para Cristo

“Percorrer com Ela [Maria] as cenas do Rosário é como frequentar a ‘escola’ de Maria para ler Cristo, penetrar nos seus segredos, compreender a sua mensagem”, escreveu o Papa João Paulo II, na carta apostólica sobre o Rosário: “Rosarium Virginis Mariae”, publicada por ocasião do seu 25º ano de pontificado.

Na proposta semanal desta oração mariana, a sua estrutura foi inicialmente dividida em três partes - terços, correspondentes aos primeiros três mistérios -, com cinco dezenas de Avé-Marias cada, rezadas em três dias

distintos da semana. É, pois, desta divisão que surge a designação do instrumento que tradicionalmente é utilizado para a recitação do Rosário - o Terço -, que serve o propósito de contar e registar a sucessão das partes da oração, num itinerário que converge para o Crucifixo, símbolo da centralidade de Deus e evocação do “caminho incessante da contemplação e da perfeição cristã”, conforme se lê na carta apostólica “Rosarium Virginis Mariae”.

O apelo insistente de Fátima

Em Portugal, embora a oração do Rosário fosse rezada já

desde o século XVI - com um crescimento progressivo da prática nos séculos seguintes, por meio das confrarias de Nossa Senhora do Rosário -, foram as aparições de Fátima, em 1917, e o pedido de Nossa Senhora aos três Pastorinhos para o cumprimento diário e assíduo deste itinerário devocional que lhe deu um impulso nacional e mundial sem precedentes, numa “dinamização da devoção mariana assente na recitação do Rosário”, tal como escreve João Francisco Marques.

“A oração mais querida pela Mãe de Deus e que conduz diretamente a Cristo”

PAPA BENTO XVI

A oração do Rosário pela reparação e paz no mundo é o pedido que se repete sucessivamente nas seis aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos e um dos atos reparadores pedidos pela Rainha da Paz na Devoção dos Cinco Primeiros Sábados.

“Desde o início que os Pastorinhos se interrogavam pela identidade mais profunda daquela ‘Senhora mais brilhante do que o sol’, A que mediu o seu encontro com Deus, Aquela cujas mãos transportavam a Luz que seduziu os pequenos pastores. (...) Será a oração do

Rosário que os ajudará a manterem-se dentro desta luz e que os conduzirá ao conhecimento íntimo daquela que, no seu coração, guarda os mistérios de Cristo”, explica a Irmã Ângela Coelho, ex-postuladora da Causa de Canonização dos Pastorinhos, no prefácio do livro “O Rosário com Francisco e Jacinta”. Por tudo isto, são evidentes, os benefícios espirituais desta oração, conforme descreve a religiosa da Aliança de Santa Maria.

“A Igreja tem ensinado a valorizar esta oração, insistindo no caráter cristológico e contemplativo do Rosário. Mas creio, além disso, que esta oração nos leva também mais longe no conhecimento do mistério da nossa própria vida: rezar o Rosário não é apenas contemplar o mistério da vida de Jesus com o olhar de Maria. É também contemplar o mistério da nossa vida com o olhar de Jesus e de Maria. E estou segura que esta é ainda a oração privilegiada para aprofundar o percurso interior de vida dos Pastorinhos e para com eles fazer caminho na fé, na esperança e na caridade.”

No Santuário de Fátima, “é a oração do Rosário que marca o ritmo orante, desde a sua gênese, continuando a dar voz às preces dos peregrinos que, pela meditação dos mistérios da vida de Cristo, com ele se vão configurando, na companhia da Virgem Mãe”.



O Rosário é recitado quatro vezes ao dia, na Capelinha das Aparições às 12h00, às 14h00 (inserido na Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria), às 18h30 e às 21h30. As duas últimas recitações do dia têm transmissão em direto nos canais digitais do Santuário de Fátima, na TV e rádio Canção Nova e na Rádio Renascença (18h30). Ao fim de semana, o momento de oração acontece às 10h00, às 14h00, às 16h00, às 18h30 e às 21h30.



MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA

 mmfatima.pt
 secretariadonacional@mmfatima.pt
 www.facebook.com/mmfatima.pt

Rua Santa Isabel, 360
 Cova da Iria
 2495-424 FÁTIMA
 Telf. 249 539 679

A resiliência do Setor Jovem

Madalena Antunes | Secretariado de Viseu do MMF

Muito se tem falado nos últimos tempos sobre a pandemia e os seus efeitos. Mais ainda se tem enaltecido aqueles que, de uma forma ou outra, dão a volta às dificuldades, adaptando-se, reinventando-se, superando-se, criando novas oportunidades ou descobrindo novos caminhos.

Também o Setor Jovem do MMF (SJ) experienciou grandes dificuldades. Cessaram os encontros frequentes, cancelaram-se as grandes atividades a nível nacional, como a Peregrinação a Pé ou, até mesmo, a Peregrinação Nacional, atividades essas que continuam a ser fontes de coesão entre os mensageiros e o fortalecimento na fé. Durante algum tempo, o SJ esteve em “pausa” a nível nacional, ainda que as dioceses tenham continuado a trabalhar, umas com mais atividades outras com menos, mas todas com menor ritmo.

Urgia reinventar a forma de o Setor Jovem se manter ativo e profícuo. Deste modo, os responsáveis diocesanos começaram a reunir on-line, com maior frequência, trabalhando de forma mais ativa e unida, na procura de soluções para se continuar a divulgar a mensagem de Fátima. Concluíram que a forma mais rápida de chegar aos jovens seria através das redes sociais. Revitalizou-se, assim, a página do Setor Jovem no Facebook, na semana dos Pastorinhos, em fevereiro. Foi dada nova imagem e, desde essa data, têm sido produzidos conteúdos com frequência. Foi assinalada a semana dos pastorinhos, com uma proposta de oração e foi celebrado o dia dos Pastorinhos de Fátima, com um vídeo de apresentação dos Pastorinhos e do seu carisma, com a colaboração do padre José Júlio Rocha, assistente do MMF da

diocese de Angra do Heroísmo (Açores). Entretanto, chegou a Quaresma e o SJ começou a publicar todos os domingos uma reflexão sobre o Evangelho do dia, relacionando-o com a Mensagem



de Fátima, com uma imagem reveladora e marcante. Chegada a Semana Santa, a publicação destas reflexões e cartazes elucidativos tornou-se diária, num convite à reflexão, introspeção e maior oração, na preparação daquele que é o maior dia do Católico, o dia da Ressurreição de Cristo. O auge da oração ocorreu em Sexta-feira Santa, quando os jovens se reuniram on-line para recordarem a via-sacra, estando o vídeo e o guião disponíveis na página do SJ. Também o dia do Pai marcou presença na rede social, com um vídeo de reflexão sobre “São José, Esposo da Virgem Santa Maria”, onde se pôde ouvir o Pe. Carlos Delgado, da diocese de Coimbra.

Com este novo esquema de divulgação da Mensagem verificou-se um maior alcance, mas também uma maior união e fortalecimento da equipa do SJ. Assim,

esta irá continuar a operar nos mesmos moldes: até ao dia de Pentecostes, espera-se a publicação dominical relacionando o Evangelho com a Mensagem de Fátima; em maio, mês de Maria, o SJ pretende reunir para a oração do terço on-line e será publicado um novo vídeo de formação.

Após este período de trabalho de forma diferente da habitual, em que não se contacta diretamente com os jovens, nem se tem um feedback concreto, encontrou-se forma de chegar não só aos jovens, mas também à comunidade em geral, continuando assim a divulgar a Mensagem. É caso para aplicar a expressão popular amplamente conhecida “quando se fecha uma porta, Deus abre uma janela”. O SJ reinventou-se! E tu, que fazes para te reinventares e continuares a aproximar-te de Deus?

A Senhora do Rosário

Padre Dário Pedrosa

Em Fátima, a Virgem Mãe disse que era a Senhora do Rosário. Apareceu com o Rosário pendente de suas mãos. Convidou a rezar o Rosário, dizendo que dessa oração se obtinham muitas graças, começando pela paz: “os soldados voltariam da guerra”. Afirmou que com a oração do Rosário se alcançariam a conversão dos pecados, a união das famílias, a graça da amizade com Deus, o crescimento na santidade. Parece que tudo brota desta oração simples e extraordinária. Se não fosse tão importante a Senhora não pediria que a rezássemos, em cada uma das suas seis aparições, de maio a outubro. E este pedido insistente vindo do Céu através da Senhora do Rosário já foi feito há mais de 100 anos. Infelizmente, muitos continuam sem ouvir o apelo e sem o cumprir. Precisamos de escutar a Mãe, a Senhora do Rosário, e o seu convite, a sua mensagem, o seu pedido. Está no Rosário o caminho do Céu, da

santidade, da paz, da conversão, da unidade, da justiça, do amor. Precisamos de acreditar na Senhora e na sua palavra.

O valor do Rosário

Por Maria até Jesus, por Maria até Deus, por Maria até à Trindade. O Rosário, conta rezada, atrás de outra, uma oração após outra, faz um cadeado que nos conduz ao amor, na contemplação dos mistérios, uma oração cristológica. Contemplamos muitos passos da vida de Jesus, revemos o Evangelho e seus mistérios, saboreamos muitas facetas cristológicas importantes. Maria, a Senhora da oração, ajuda-nos a saborear, a meditar, a conhecer mais a Jesus e aos seus mistérios; daí uma das grandes riquezas do Rosário. Mas outra das riquezas é rezar a oração que Jesus ensinou e lembrar que foi Ele que a rezou primeiro ao Pai nosso, que está nos Céus. E perceber que a Ave Maria come-

çou por ser dita pelo Arcanjo e nós repetimos a sua saudação, as suas palavras e queremos apreender os seus sentimentos. E, depois, repetimos com encanto as palavras de Santa Isabel, mãe de João Batista: “Bendita sois Vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”. Que riqueza imensa de palavras que geram grandes sentimentos, tocam o nosso coração e ajudam a converter o nosso ser e modo de agir!

Santa Maria, Mãe de Deus

Composta pela Igreja há muitos séculos, a segunda parte desta oração, começa pelo ato de fé de que Maria é Mãe de Deus e, por isso, Lhe suplicamos confiantes que rogue por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Quantas vezes, ao longo da vida, fiéis à oração do Rosário diário, diremos estas súplicas? Quantos milhares e milhares de vezes pedimos para nós, pecadores e para todos, a graça de morrer com a

proteção e ajuda, com a presença maternal de Nossa Senhora? Que confiança nos deve nascer desta simples e poderosa oração! A Mãe vai ouvi-la e estará connosco agora, na vida, nas lutas, nas dores, nas dificuldades, nas provas, nas tentações; e estará connosco à hora da morte para nos ajudar a passar para a eternidade com Ela, a Senhora do Rosário, e nos encaminhar para o Céu. Pedimos toda a vida, milhares de vezes, e nesse momento decisivo Ela estará connosco, alcançar-nos-á misericórdia, dar-nos-á sentimentos de confiança e de contrição. O Rosário é caminho para o Céu, com Maria nossa Mãe e Mãe de Deus, a Cheia de Graça, a Mãe do Salvador.

Oração Universal

O Rosário, no qual pedimos por todos, torna-se uma oração universal. Podemos colocar nele todas as pessoas e todas as in-

tenções. Podemos oferecer cada mistério pelas grandes intenções e necessidades da humanidade e da Igreja, da paróquia e da família, de nós e dos outros, dosãos e dos doentes, dos crentes e dos não crentes, dos que vivem sós, das famílias, dos que vivem sem pão, sem amor, sem fé, sem Deus. Podemos suplicar a paz, a conversão, a unidade das famílias. Podemos pedir perdão para nós e para o mundo que tem o coração doente. Podemos rezar em reparação dos muitos pecados, em súplica de misericórdia para a humanidade, em atos de confiança no amor louco e apaixonado de Deus. A Senhora do Rosário, que é a Mãe do Coração Imaculado, saberá acolher todas as preces e levá-las a Jesus e à Trindade Santa. Com a oração do Rosário somos evangelizadores e apóstolos, reparadores e agentes de oração, somos colaboradores com Cristo e com o Coração da Mãe para ajudar a salvar muitas pessoas.

A mãe de Lúcia A Pandemia

Manuel Arouca | Responsável pelo sector da comunicação social do MMF

Para um Mensageiro, em primeiro lugar, Deus e o seu filho Jesus, em segundo lugar, Nossa Senhora e, em terceiro lugar, os três pastorinhos, os primeiros Mensageiros.

Em dramaturgia fala-se sempre no opositor dos heróis da história, neste caso os três videntes. Numa grande história como a das Aparições de Fátima, não há um opositor, mas dois grandes opositores, o administrador, que mandou prender as crianças para as assustar e as ameaçou com o azeite a ferver, e a mãe de Lúcia, que nunca acreditou que Nossa Senhora pudesse aparecer a uma filha sua.

O caso do administrador é um clássico, o conflito entre o ateísmo e a religião; tem uma componente política; duas visões do mundo. Mas o caso da mãe de Lúcia torna o conflito muito mais fascinante e atraente, pois Lúcia e a mãe têm a mesma fé; e não só a mesma a fé, como também se amam: uma mãe que ama profundamente a sua filha e uma filha que ama profundamente a sua mãe.

Mas no meio deste conflito, desta mesma fé, deste amor mútuo, há a tendência de dividirmos as personagens: a boa e a má. E aqui transparece que a mãe de Lúcia é a má; chama a filha de mentirosa; é cúmplice do pároco, outro oponente, que dá credibilidade à história: “são coisas do diabo”, com quem Lúcia teve pesadelos, o que fez com que ela só num último momento comparecesse ao encontro, no qual se deu



a terceira aparição.

Então é muito rico dramaticamente explorar o conflito desta mãe e desta filha. Será a mãe de Lúcia uma das vilãs da história?

Iremos ao longo deste e dos próximos números, em estilo de pequenos folhetins, narrar episódios desta relação que é fértil em conflitos.

A mãe de Lúcia é uma mulher carismática, uma líder (Lúcia também o será); sabe ler e escrever; dá catequese e, para espanto dos que veem nesta personagem a mãe má, que faz a vida negra à filha, é, surpreendentemente, uma mulher que segue, a preceito, o que diz São Paulo – no fundo, podes parecer o maior santo, mas se não tiveres amor, sobre-

tudo amor ao próximo, de nada te vale rezares muito, ires à missa todos os dias, cumprires todos as regras. Então, socorrendo-nos de uma situação que dramaticamente estamos a viver, uma pandemia, que paralelamente os nossos heróis também viveram, vejamos o que Lúcia escreve sobre a mãe:

“A epidemia (pneumónica, de 1918) atingiu quase toda a gente. A mãe e a minha irmã Glória andavam de casa em casa a tratar dos doentes. Um dia o Ti Marto foi avisar o meu pai que não deixasse a minha mãe e as minhas irmãs andarem por casa dos doentes a tratá-los, porque era uma epidemia que contagia e podíamos nós também ficar doentes. À noite o pai ao chegar a casa proibiu a mãe e as filhas de irem tratar os doentes. A mãe escutou, em silêncio, tudo o que o pai disse e depois respondeu: – Olha lá, tu tens razão. É mesmo assim como tu dizes. Mas, olha lá, como podemos nós deixar morrer aquela gente, sem terem quem lhes chegue um copo de água?”

E Maria Rosa, a mãe de Lúcia, continuou a cuidar dos doentes levando esse amor ao limite, pois tratava-se, realmente, de uma doença altamente contagiosa e mais mortal do que a COVID-19.

(Próxima edição: “A cura da mãe de Lúcia”)

ERRATA: Referente ao último artigo, sobre “O Triunfo do Imaculado Coração de Maria. A data da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria aconteceu a 25 de março de 1984, e não um mês antes, conforme indicado.

MOVIMENTO em movimento

O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) é uma associação de fiéis ereta pela Conferência Episcopal Portuguesa, com sede no Santuário de Fátima. É constituído pelo Secretariado Nacional e pelos Secretariados Diocesanos e Paroquiais.

Os seus estatutos podem ser consultados no nosso site em www.mmfatima.pt. Os associados têm o direito a receber o jornal *Voz da Fátima* e as 930 missas celebradas no Santuário de Fátima e nas dioceses. O jornal *Voz da Fátima* é distribuído gratuitamente a cada associado pelos coletores. Cada associado tem o dever de pagar uma quota anual de 4,00 €, para fazer face às despesas do MMF e que deve ser entregue pelos associados aos coletores. Por sua vez, o coletor deve entregá-lo ao respetivo secretariado diocesano ou, na sua falta, ao secretariado nacional. Também para fazer qualquer alteração, quer de morada ou de quantidade, devem ser contactados os mesmos secretariados.

Para isso, seguem os **endereços eletrónicos dos Secretariados:**

Secretariado Nacional: secretariadonacional@mmfatima.pt

Angra: mmfangra@gmail.com

Beja: sdbejammmf@wordpress.com

Braga: mmf@arquidiocese-braga.pt

Bragança-Miranda: mmfsecretariadobragancamiranda@gmail.com

Coimbra: mmfcoimbra@gmail.com

Guarda: mmfguarda@gmail.com

Lamego: mmflamego2012@gmail.com

Leiria-Fátima: mmf.secdioc.leiriafatima@gmail.com

Portalegre-Castelo Branco: mmf.portalegrecastelobranco@gmail.com

Porto: geral.mmporto@gmail.com

Viana do Castelo: mmfvianadocastelo@gmail.com

Vila Real: mmf.vilareal@gmail.com

Viseu: viseu.mmfm@gmail.com

Caso não consiga fazer o contacto com o secretariado diocesano, poderá efetuar uma transferência para a conta do MMF com o IBAN n.º PT50 0036 0230 9910 0001 5478 6, BIC: MPIOPTPL. Após efetuar a transferência, agradecemos que nos envie o comprovativo para o e-mail do secretariado nacional ou que nos contacte através do telefone: 249 539 679.

Aproveitamos para agradecer aos coletores todo o trabalho desenvolvido na divulgação da Mensagem de Fátima e na distribuição do jornal *Voz da Fátima*.

Celina Carlos

Jesus Cristo Ressuscitou Exultemos e cantemos, aleluia

Padre Manuel Antunes

Após quarenta dias de preparação (Quaresma), celebramos a Solenidade da Páscoa de Jesus. Seguem-se agora mais quarenta dias (tempo Pascal). Páscoa significa libertação: em Jesus Cristo a libertação da morte; em nós, peregrinos da pátria celeste, significa a libertação do pecado, como diz a Bíblia: “despojarmo-nos do homem velho e revestirmo-nos do homem novo” (Ef 4, 22-24).

São Paulo foi o maior perseguidor dos cristãos que proclamavam a Ressurreição de Jesus. Após a sua conversão, foi o apóstolo que mais falou desta Ressurreição e a viveu na sua vida ao ponto de dizer: “já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em

mim” (Gl 2, 20).

Na carta aos Colossenses, diz-nos o que devemos fazer para vivermos em nós esta Páscoa: “Se ressuscitardes com Cristo, aspirai às coisas do alto e não às da terra. Crucificai os vossos membros no que toca às coisas da terra: impureza, paixão, maus desejos, ganância, que é uma idolatria. Já que vos despistes do homem velho, agora revesti-vos do homem novo, de humildade, bondade, misericórdia, mansidão, paciência suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos mutuamente.” “Tudo quanto fizerdes por palavras e obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai” (Col, 3).



A Páscoa de Jesus é a pedra angular da nossa fé e a chave que nos abriu as portas do Céu. Jesus quer que a sua Páscoa seja renovada e vivida todos os dias. Na última Ceia Pascal, ao celebrar com os Apóstolos a primeira missa disse, “tomai e comei, isto é o meu corpo que será entregue por vós. Em seguida, tomou o cálice e disse tomai e bebei, isto é o meu sangue. Daqui em diante fazei isto em memória de mim”.

A missa renova misticamente o mistério Pascal de Jesus, a sua Paixão, Morte e Ressurreição.

Que a Páscoa de Jesus não seja apenas uma celebração anual, mas celebrada e vivida todos os dias como preparação para a Pás-

coa eterna. Os Pastorinhos, Lúcia de Jesus, Francisco e Jacinta Marto, os primeiros Mensageiros de Nossa Senhora, foram exemplares na vivência do mistério Pascal de Jesus. Agora, no Céu, cantam gloriosamente o Aleluia com todos os eleitos.

Nós, mensageiros de Nossa Senhora de Fátima, devemos procurar testemunhar a Páscoa ao jeito dos Pastorinhos, num mundo mergulhado nas trevas do mal. Seria bom aproveitarmos o tempo Pascal para uma revisão de vida à luz da palavra e do testemunho de Jesus Cristo que nos diz: “quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da Vida” (Jo 7, 12).

Reitor do Santuário salientou a importância da ajuda aos que sofrem, sobretudo nestes tempos difíceis

Missa da peregrinação mensal de abril decorreu na Basílica da Santíssima Trindade, com a presença física de peregrinos.

Cátia Filipe

A missa da peregrinação mensal de abril foi presidida pelo reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas. Esta peregrinação, a primeira após o período de confinamento, contou com a presença física de peregrinos, mas foi igualmente acompanhada por milhares de fiéis através dos meios de comunicação social e digital do Santuário de Fátima.

Numa reflexão sobre a liturgia deste dia, o padre Carlos Cabecinhas lembrou que a Palavra de Deus “exorta-nos à confiança em Deus e à esperança, nestes tempos difíceis, mas exorta-nos igualmente a não descurarmos a atenção aos outros”.

A primeira leitura, do livro do Apocalipse, “é convite à esperança e desafio à confiança em Deus”. Recorde-se que este livro foi escrito “numa situação de grande tribulação e pretende assegurar-nos que Deus não nos abandona em momento algum e menos ainda nos momentos difíceis”. “Deus está atento às nossas dificuldades, atento às nossas lágrimas e disposto a enxugá-las e não nos deixa atravessar o sofrimento e as dores que experimentamos numa so-

lidão cheia de desespero; pelo contrário, Deus, que conhece a nossa fragilidade e as nossas preocupações e sofrimento, vem em nosso auxílio”, assegurou o sacerdote.

O Santuário de Fátima propõe neste ano pastoral o tema “Louvai o Senhor, que levanta os fracos”, e o reitor exortou os peregrinos a fortalecerem essa “certeza que nos vem da fé de que o Senhor vem em auxílio da nossa fragilidade”.

Ainda com base na liturgia deste dia, o padre Carlos Cabecinhas falou do convite a contemplarmos Maria, pois através do seu intermédio “Deus continua, muitas vezes, a enviar a sua consolação aos corações aflitos e a transformar as lágrimas em alegria”. “A promessa de que Deus enxugará do nosso rosto todas as lágrimas, expressão da sua ternura e compaixão por nós, cumpre-se frequentemente por meio de Nossa Senhora”, reiterou, lembrando que, “glorificada no Céu, Maria não esquece aqueles que na terra continuam a sofrer e lhe foram confiados como filhos; não nos esquece a nós e, mesmo no meio das dificuldades do momento presente,

ela anima a nossa esperança e fortalece a nossa confiança”.

A mensagem de Fátima “é uma mensagem de esperança e um convite veemente à confiança, porque Deus conhece a nossa fragilidade e está atento ao nosso sofrimento”.

Mas a Palavra de Deus “não nos exorta apenas à esperança e à confiança: exorta-nos também ao compromisso em favor daqueles com quem vivemos ou nos cruzamos”.

“O exemplo de Maria, que esteve junto à cruz do seu Filho, Jesus, mostra-nos aquela que deve ser a nossa atitude diante do sofrimento de quem nos cerca: com Ela, aprendemos a estar junto à cruz dos seus filhos que sofrem”, afirmou o padre Carlos Cabecinhas.

“Apesar das dificuldades que cada um sente e tem de gerir, é nestas horas difíceis que é mais importante vencer a indiferença ao sofrimento dos outros”, alertou o sacerdote, desafiando cada um a ser capaz de “acompanhar a cruz dos que nos rodeiam”.

Nossa Senhora mostra que “o nosso lugar é junto à cruz de quem sofre: para ajudarmos,

para consolarmos, para apoiarmos, para aliviarmos o sofrimento”.

Recorde-se que a peregrinação mensal de abril em 2020 foi vivida através dos meios de comunicação social e digital,

por consequência do primeiro grande confinamento que Portugal viveu, devido à pandemia. Este ano, as peregrinações mensais de fevereiro e março foram igualmente celebradas sem a presença física de fiéis.

Cerca de 140 pessoas participaram na 40ª edição do Encontro de Guias-Intérpretes

do Santuário de Fátima, que se realizou online, tendo em conta os condicionamentos decorrentes do processo atual de progressivo desconfinamento. Foi esta conjuntura que o mundo vive que inspirou o tema do encontro: “Comunicar, propor e vivenciar Fátima em tempo de pandemia”.

Na palavra de abertura, o Reitor do Santuário, lembrou o ano de 2020, que pelas particulares circunstâncias, em Fátima, os peregrinos oriundos de países estrangeiros foram residuais, o que retrata bem a situação difícil pela qual os Guias-Intérpretes estão a passar.

“Naquela altura, todos nós pensávamos que isto iria resolver-se em poucos meses e regressaríamos depressa ao ritmo habitual, porém, pouco a pouco, fomos percebendo que a situação iria prolongar-se por mais tempo e os Guias-Intérpretes contam-se entre os mais penalizados em termos profissionais por esta situação pandémica”, disse o padre Carlos Cabecinhas.

Esta iniciativa contou ainda com intervenções do Presidente do Turismo do Centro de Portugal, Pedro Machado; Alexandre Marto, CEO do Fatima Hotels Group; Carmo Rodeia, Diretora do Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima; Joaquim Ganhão, Diretor do Departamento de Liturgia do Santuário de Fátima; Sandra Bartolomeu, do Departamento de Acolhimento e Pastoral do Santuário de Fátima e Marco Daniel Duarte, Diretor do Museu e do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Rostos, rugas, olhares, gestos, pessoas, paisagens, panoramas ou pormenores, a urbe frenética ou a planície serena, a arquitetura compacta e racional ou a natureza humilde, redes, mapas, cartografias, caligrafias, tipografias... são desenho, linhas inscritas sobre a superfície do papel. A densidade da matéria ou a paixão do gesto que as inscreve, mais do que simplesmente registar traços numa folha em branco, grava-as, sulcando ou tatuando a superfície. Também pode haver manchas. A acumulação da matéria cria

Espaço sagrado

manchas. A justaposição ou a sobreposição de muitas linhas cria manchas. Quando muitas linhas e muitas manchas se acumulam, a ponto de não haver espaço (propriamente dito) que permita a cada elemento “respirar” e estabelecer um diálogo justo com o espaço envolvente e com os outros elementos presentes nesse espaço, não é só a brancura do papel que fica manchada, mas o equilíbrio e a vida do próprio desenho. O excesso, enquanto horror ou negligência do vazio, é gerador de um caos que nivela. No caos não há distinção nem valorização do outro. O caos do excesso desemboca no “nada” - um “nada” em que as coisas, existindo, não têm vitalidade, porque perderam a sua relação com um espaço sagrado. O anulamento do espaço sagrado, no desenho

como na vida, “nadifica” (reduz a nada).

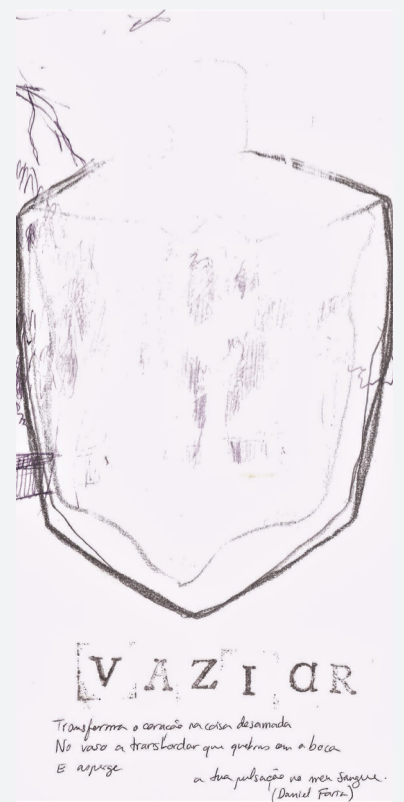
Para resgatar e redimir o excesso, é necessário, muitas vezes, por meio de um ato livre e insólito, introduzir nele um vazio. Esse vazio, como o “grande silêncio que reina sobre a terra”, da qual nos fala uma antiga homília de Sábado Santo (séc. IV), é o que, paradoxalmente, permitirá à vida renascer.

O silêncio é um espaço sagrado. É um espaço para o sagrado, uma ausência que sinaliza a presença de Deus - princípio de toda a vida e de todo o amor. Dizia uma protagonista de Fátima, Luiza Andaluz, a quem a sabedoria espiritual de S. João da Cruz: «Se o coração não se esvaziar de grandes e pequenos apegos, Deus nunca poderá ocupar nele o lugar que lhe pertence e

que ele deseja».

Deste vazio e desta presença nos fala a vida de Maria, a cheia de graça, que, desde o momento da Anunciação, abriu todo o seu silêncio a Deus e nele permaneceu sempre. Foi este espaço sagrado que permitiu a Maria guardar a confiança, esperar, reconhecer e acolher a ressurreição, mesmo em meio de circunstâncias tão caóticas. Viver em Deus implica guardar silêncio, silenciar - ainda que dolorosamente - todas as coisas, admitindo que, apesar de boas, construtivas e marcantes - como as linhas que tecem um desenho, - todas elas são passageiras. Equivale a aceitar a morte e ousar fazer o luto - dimensões diante das quais nos lembramos mais fortemente que a nossa vida é fundamentalmente um espaço sagrado.

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima



A coroação de Nossa Senhora Regina Mundi

No dia 13 de maio completam-se 75 anos da coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se venera na Capelinha das Aparições. Foi um dia memorável que estreitou ainda mais a relação entre a escultura e o papado.

Carmo Rodeia | *Este texto foi feito a partir da Enciclopédia de Fátima, site do Santuário – www.fatima.pt – e do texto “A reparação como via de consolação a Deus”, de José Carlos Carvalho.

O “grande acontecimento”, com “indefinível alvoroço” (palavras extraídas da *Voz da Fátima* de maio e junho de 1946), que foi a coroação de Nossa Senhora de Fátima, a 13 de maio de 1946, pelo Cardeal Aloísio Massella, enviado pelo Papa Pio XII, juntamente com a consagração ao Imaculado Coração de Maria, quatro anos antes, revelou-se, sem dúvida, um dos temas que mais polarizou as relações especiais entre Fátima e Roma.

Terminada a II Guerra Mundial, em 1945, sem que Portugal tivesse entrado nela, foi determinada a solene coroação da Imagem presente na Capelinha das Aparições, o que constituiu um dos momentos mais impactantes da história do Santuário, até pelo simbolismo da festa que seria o momento inaugural das Comemorações Marianas, por motivo do terceiro centenário da consagração do país à Imaculada Conceição. Na realidade, o que o episcopado português pretendia era celebrar uma efeméride e com a coroação promover uma celebração de ação de graças pela neutralidade portuguesa na Guerra. Mas as intenções do Papa eram bem mais profundas, conforme conta um dos membros da comitiva cardinalícia enviada a Fátima para a coroação em nome do sucessor de Pedro. Antes da partida, Pio XII lembrou aos que vinham em seu nome que “tivessem sempre viva a consciência da nobilíssima missão que iriam desempenhar, pois iam coroar Nossa Senhora Regina Mundi. (Nossa Senhora de Fátima, Rainha do Mundo)

Em abril de 1946, o jornal *Voz da Fátima* já empolgava os fiéis anunciando o que se iria passar em maio: “No próximo dia 13 de maio vai ser solenemente coroada pelo Legado especial de Sua Santidade o Papa Pio XII a imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na Cape-

linha das Aparições.[...] O Papa que sempre teve uma grande estima pela Nação, Fidelíssimo, tem-nos dado nos últimos tempos provas repetidas de um amor singular. A rematá-las vem agora a honra inapreciável de enviar um Cardeal da Cúria Romana como seu representante especial para proceder à coroação da imagem de Nossa Senhora”.

E, prosseguia na primeira página: “O que isso representa nem somos capazes de imaginar. Vamos neste mês que falta preparando as almas para esse dia de glória para a Virgem Santíssima e para a nossa querida Pátria. Prestemos ouvidos à mensagem de penitência que a Mãe da Céu nos trouxe. Emendemo-nos, melhoremos a nossa vida. Afervoremo-nos na piedade e no apostolado da Acção Católica. Que ninguém deixe de se confessar e de comungar nesses

dias! Pelas nossas igrejas e capelas façamos devoções públicas. Em cada casa ergamos um altar; seja cada alma e coração um trono para a Mãe de Deus e nossa Mãe! Tudo Ela merece; tudo o que lhe dermos é pouco. Todo o nosso Venerando Episcopado estará presente nesses dias na Cova da Iria. Estarão representantes oficiais do Governo e membros do Corpo Diplomático. Portugal estará na Fátima representado pelo que tem de melhor”. “Com tão alto rumo vai cair na Fátima o poder do mundo. Os que não puderem ir lá estarão, por certo, em espírito e coração. Trata-se de uma cruzada santa para uma mais fraterna humanidade”, escrevia Lino Netto na edição de maio de 1946.

Chegado o dia da coroação, as atenções viravam-se para a imagem, para a mensagem que o legado pontifício trazia e também para esse momento em que o Papa se dirigi-

ria aos peregrinos e ao mundo, a partir de Fátima. A expectativa era enorme, sobretudo depois das referências de Pio XII à Imagem de Fátima como “perinsignem” ou “inclitam” no texto da nomeação do legado pontifício. Finalmente, chega o momento em que Pio XII se dirige diretamente, pela primeira vez, aos peregrinos de Fátima, através de uma rádio mensagem: “a este monte santo” onde “a Imaculada Rainha, cujo coração materno e compassivo fez o prodígio de Fátima, ouviu superabundantemente as nossas súplicas”.

Entre os muitos epítetos pontifícios, a imagem é apelidada de “taumaturga” pelo Papa Pio XII, que procura na Bíblia expressões que confirmem a realidade de Maria e partilha-as com o povo “grato e fiel” de Fátima e do Mundo inteiro, a partir da Cova da Iria.

A celebração contou com peregrinações de Portugal e do Estrangeiro, bem como “a apresentação autêntica e fiel da Igreja de Portugal e de todas as nações”, “uma moldura de 500 bandeiras”, “os aviões cruzavam o espaço, lançando mensagens de saudação e ramos de flores” e, por fim, acabaria por juntar o Santo Padre “pela telefonia do Vaticano”, como relatava a *Voz da Fátima* em junho numa descrição emocionada e apoteótica.

A partir deste momento, faz 75 anos, a escultura passou a ter não apenas uma nova dimensão física, acrescentada pela belíssima coroa, construída em 1942 pela Casa Leitão e Irmãos, feita de ouro e de mais de 313 pérolas e 2650 pedras, oferecidas pelas mulheres portuguesas, mas, e sobretudo, uma dimensão simbólica de Rainha de Portugal e da Paz, dado que a coroa está associada a um voto concreto e, por isso, é a expressão material de um gesto de ação de graças.



OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



Seis de março foi porventura o dia mais denso da visita do Papa Francisco ao Iraque. Depois do Encontro Inter-religioso com os representantes dos Credos monoteístas nascidos de Abraão, na Planície de Ur, donde o Patriarca partiu há quatro milénios, palavras de Francisco em Bagdade cruzaram-se com a mensagem de Fátima.

Na homilia da Missa, na Catedral Caldeia de São José, ao entardecer desse dia, que amanhecera em Najaf no encontro tão prometedor para a paz mundial com o Grão-Aiatolá Al Sistani, disse o Papa: “o amor [...] na cruz, provou ser mais forte do que o pecado; no sepulcro, derrotou a morte. Foi este mesmo amor que tornou os mártires vitoriosos na provação... E houve tantos no último século! Mais do que nos anteriores. O amor é a nossa força, a força de tantos irmãos e irmãs que também aqui foram vítimas de preconceitos e ofensas, sofreram maus tratos e perseguições pelo nome de Jesus”.

No ano 2000, aquando da visita de São João Paulo II a Fátima para a beatificação de Francisco e Jacinta, foi divulgada a terceira parte do segredo de Fátima. A Igreja interpretou teologicamente a visão como uma profecia da perseguição à Igreja e do martírio dos cristãos ao longo do século XX. É esta visão que justifica que mês após mês a *Voz da Fátima* dê conta de algumas histórias, das muitas que marcam o quotidiano do mundo, em que homens e mulheres são perseguidos, tantas vezes assassinados, por causa da sua fé. A esta realidade se referiu o Papa, naquele Iraque onde morreram e donde fugiram tantos cristãos de todas as confissões, tal como doutras minorias religiosas. Os mártires do último século... e já deste século.

O padre José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Valinhos: um caminho de encontro com Deus

O relógio marca 14h00, é domingo, e não se avistam nuvens no céu. Mariana Pereira calça as sapatilhas e, à semelhança do que tem acontecido nos últimos domingos, desde que Portugal voltou a estar sob fortes medidas de confinamento, vai percorrer o Caminho dos Pastorinhos, para “escutar o silêncio e estar com Deus”.

Cátia Filipe

As Igrejas estão fechadas e não há celebrações comunitárias. A missa chega através do smartphone e dá para contemplar a Palavra de Deus, “mas não é igual, falta a rotina de sair e ir à igreja comungar, estar presencialmente com outras pessoas”. “Como vivo aqui perto, há a possibilidade de ir até aos Valinhos. É um espaço que me diz muito, o silêncio e o contacto com a natureza acabam por ser uma bênção; é encontrar Deus nas pequenas coisas”, conta Mariana, a viver os primeiros tempos na condição de aposentada. “São muitas as pessoas aqui de Fátima, e de lugares vizinhos, que diariamente ou semanalmente passam por este caminho: umas a rezar o terço, outras a meditar sobre as estações da via-sacra; muitos pais com os filhos pequeninos e famílias que simplesmente querem apanhar um bocadinho de ar e caminhar”, observa esta antiga professora.

O lugar dos Valinhos integra o percurso de cerca de 2 km que Lúcia, Francisco e Jacinta percorriam desde as suas casas em Aljustrel até à Cova da Iria para o pastoreio dos seus rebanhos. Aqui tiveram lugar duas aparições do Anjo (na primavera e no



Capela de Santo Estêvão

Na capela, os vitrais, da autoria de Pedro Prokop, representam santos húngaros; e os dois grandes mosaicos do teto, do mesmo autor e compostos por pequenas pedras de mármore, figuram a aparição de Nossa Senhora aos três videntes e a entrega da coroa da Hungria pelo rei Santo Estêvão a Nossa Senhora.

outono de 1916) e uma aparição de Nossa Senhora no dia 19 de agosto de 1917.

As primeiras intervenções na área dos Valinhos aconteceram na década de 50, por iniciativa dos católicos da Hungria. “Foi uma intervenção em que não podemos deixar de ver o dedo da Providência”, disse Mons. Luciano Guerra, antigo reitor do Santuário de Fátima, por ocasião do Congresso Internacional sobre a Santíssima Trindade, realizado em maio de 2007, em Fátima. “Marcou-se, por um lado, a importância destes espaços e deixou-se, por outro, que eles pudessem manter a sua atmosfera própria, constituindo convite ao retiro, ao recolhimento, ao silêncio e até ao escondimento a que a mensagem e o uso que dele fizeram os Videntes certamente nos convidam”, considerava o sacerdote.

A expressão “escondimento” traduz a ação dos Pastorinhos e que, ao longo de décadas, tem sido repetida pelos muitos peregrinos que por ali vão passando e ali encontram “a paz que só o retiro e o escondimento algumas vezes podem produzir”.

O monsenhor Luciano Guerra foi o primeiro a intitular a zona do Monte dos Valinhos e de Aljustrel como o “Pulmão do Santuário de Fátima”, por vincar a “força espiritual deste lugar”, que acolhe peregrinos e visitantes ao longo de todo o ano.

Em meditação, em oração ou em passeio, de forma individual ou em grupo, a passagem por aquele lugar integra muitos programas de visitas e peregrinações. Em tempo de pandemia, foi destino de muitos habitan-

tes do concelho de Ourém, que se viram privados de muitas das suas rotinas e encontraram neste espaço um lugar de oração e de encontro, mas também um percurso pedestre bastante agradável. “É frequente ouvirmos elogios, em Fátima e fora de Fátima, às vezes muito longe de Portugal, ao estado simultaneamente natural e cuidado com que esta colina vem sendo acarinhada, desde que o Santuário chamou a si a sua preservação e uso pastoral. De facto, se a vida



Valinhos

Entre a 8.ª e a 9.ª estações da Via-sacra no Caminho dos Pastorinhos fica o local onde ocorreu a quarta aparição de Nossa Senhora, em 19 de agosto de 1917. O monumento que assinala o evento foi construído com ofertas dos católicos húngaros. A imagem foi esculpida por Maria Amélia Carvalheira da Silva e o nicho em que se encontra foi arquitetado por António Lino.

das três crianças é um sinal apelativo para os amigos de Fátima, os Valinhos e a Loca devem ser mantidos no seu silêncio, na sua solidão eloquente, na sua quietude e paz natural”, reiterou Luciano Guerra.

Nos Valinhos, as esculturas do Anjo de Portugal e das várias estações da Via-Sacra são todas da autoria de Maria Amélia Carvalheira da Silva.

A 15 de março, foram retomadas as celebrações comunitárias em todo o país. No início do mês de maio, Portugal deixou de estar em Estado de Emergência, após mais de uma dezena de renovações. A vida e as rotinas vão sendo paulatinamente retomadas, mas as caminhadas dominicais de Mariana aos Valinhos vão continuar: “Antes vinha cá muito pontualmente, mas agora tornou-se uma rotina”, explica, afirmando que começou por vir, para sair um bocadinho de casa, mas o silêncio foi-a convidando à oração e agora que tudo vai voltando, esses bocadinhos também vão fazendo parte da normalidade.



Via Sacra

As catorze estações da Via-sacra e a capela, oferecidas pelos católicos da Hungria, foram projetadas por Ladislau Marec. A primeira pedra da Via-sacra foi benzida em 21 de junho de 1959 e a primeira pedra da capela em 11 de agosto de 1962. As estações e a Capela de Santo Estêvão foram benzidas no dia 12 de maio de 1964. A 15.ª estação, benzida e inaugurada em 13 de outubro de 1992, foi oferecida pela paróquia húngara de Lajosmizse em sinal de gratidão pela “ressurreição” da Hungria.

AGENDA

maio

15 sáb	MISSA VOTIVA DOS SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO UM DIA COM O FRANCISCO E A JACINTA
16 dom	ASCENÇÃO DO SENHOR – SOLENIDADE
23 dom	DOMINGO DE PENTECOSTES
29 sáb	MEMÓRIA DE S. PAULO VI, PAPA
31 seg	VISITAÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA FESTA

junho

2 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “A coroa preciosa de Nossa Senhora de Fátima, nos 75 anos da sua coroação” 21h15 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
3 qui	SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO SOLENIDADE
5 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
10 qui	S. ANJO DA GUARDA DE PORTUGAL FESTA



Loca do Cabeço

As imagens que aí figuram - o Anjo e as três crianças - são da autoria de Maria Amélia Carvalheira da Silva. A grade, em ferro forjado, é obra de Domingos Soares Branco.